

Expresso	Periodicidade:	Semanal	Temática:	Saúde
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	372 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/PB
	Tiragem:	167000	Página (s):	24

10-01-2009

A vida na ponta dos dedos

Desfibrilhadores vão estar ao alcance de todos em estádios de futebol, aeroportos e centros comerciais

Os aparelhos de desfibrilhação automática externa (DAE), que até agora eram usados exclusivamente em ambulâncias do Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM), estão a um passo de poderem ser utilizados por qualquer pessoa. O anteprojecto de decreto-lei está em consulta pública desde o início de Dezembro, e, caso venha a ser aprovado, muitas vidas poderão ser salvas em Portugal.

O diploma visa tornar acessíveis à população em geral os actos de desfibrilhação automática por não médicos bem como a sua instalação em locais públicos. “Até agora já demos formação à ANA Aeroportos, Administração Regional de Saúde dos Açores, seis corporações de Bombeiros de Lisboa e duas do distrito de Faro (Faro e Albufeira), e temos tido inúmeras solicitações sobretudo de empresas”, informa Raquel Ramos, médica coordenadora do Centro de Formação de Lisboa do INEM.

A prática de actos de desfibrilhação automática externa está obrigatoriamente inserida numa cadeia de sobrevivência que é, segundo a médica, uma verdadeira luta contra o tempo, já que um atraso de nove minutos no

uso do aparelho reduz as hipóteses de sobrevivência da vítima a cinco por cento, enquanto um atraso de 12 minutos diminui as probabilidades para dois por cento. Ou seja, na maior parte dos casos, as vítimas já chegam sem vida ao hospital.

Raquel Ramos faz questão de referir os procedimentos que devem ser seguidos: “Identificada a paragem cárdio-respiratória, o primeiro passo é ligar o 112 a informar a ocorrência. Enquanto a ambulância não chega, a pessoa com formação no local deve iniciar o suporte básico de vida que inclui compressões no peito e respiração boca a boca, através de uma máscara, ao que se segue a utilização do DAE em segurança.”

As estatísticas nacionais garantem que as doenças cerebrovasculares e cardiovasculares (enfartes) ainda são a causa de morte mais frequente em Portugal, com uma percentagem superior a 30 por cento, ou seja, mais de 6300 mortes/ano, o que representa perto de 20 óbitos por dia.

A morte súbita nos adultos, que afecta 0,3 a 1,2 por mil habitantes/ano, é, na opinião da cardiologista Isabel Santos, quase sempre de origem cardíaca, e

acontece, na maior parte dos casos, em pessoas que não aparentam sinal da doença. “As doenças vasculares têm mais risco,

mas, também há outro tipo de doenças, nomeadamente aquelas que afectam vários órgãos, que podem estar na origem de uma paragem cardíaca”, sublinha a médica.

Uma paragem cardíaca é um episódio tão grave na vida de uma pessoa que a melhor forma de a tratar é evitar que ela aconteça. “Em todo o mundo, a possibilidade de sobrevivência a uma paragem cardíaca não vai além dos cinco por cento”, adianta Isabel Santos, para acrescentar que a maioria das paragens cardíacas acontece em casa e com especial incidência nos homens.

Segundo um estudo americano, os locais públicos onde ocorrem mais paragens cardíacas são os aeroportos (26%), os clubes de golfe (17%), *health clubs* (13%), complexos fabris (10%), recintos desportivos (8%) e centros comerciais (7%).

Convencida de que a utilização generalizada dos desfibrilhadores não é uma panaceia, Isabel Santos defende, no entanto, que o ideal seria cada um de nós saber o que fazer, e dá o exemplo

de Seattle: “Os habitantes passaram por um programa de formação e há desfibrilhadores na maioria dos espaços públicos.”

A formação já provou a sua eficácia. Nos aeroportos e casinos locais, e por serem também os locais mais vigiados com câmaras instaladas por todo o lado, a taxa de sobrevivência situa-se entre os 49 e os 74%, um número muito animador quando comparado com os escassos cinco por cento no resto do mundo...

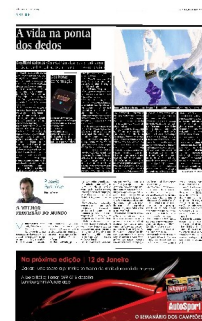
Isabel Santos explica ainda que o tratamento de um doente com paragem cardíaca não termina no momento em que ele retoma o pulso. “Após a recuperação dos batimentos cardíacos, o restante tratamento está no hospital, onde o acompanhamento deveria ser feito nos Cuidados Intensivos para evitar outras paragens cardíacas”, e informa que em caso de arritmia deve implantar-se um desfibrilhador interno, denominado CDI (cardioversor, desfibrilhador implantado). “Este doente tem de estar sempre vigiado e com acompanhamento em cardiologia”, e destaca a medicação que, na maior parte dos casos, tem de ser para a vida inteira.

PALMIRA CORREIA

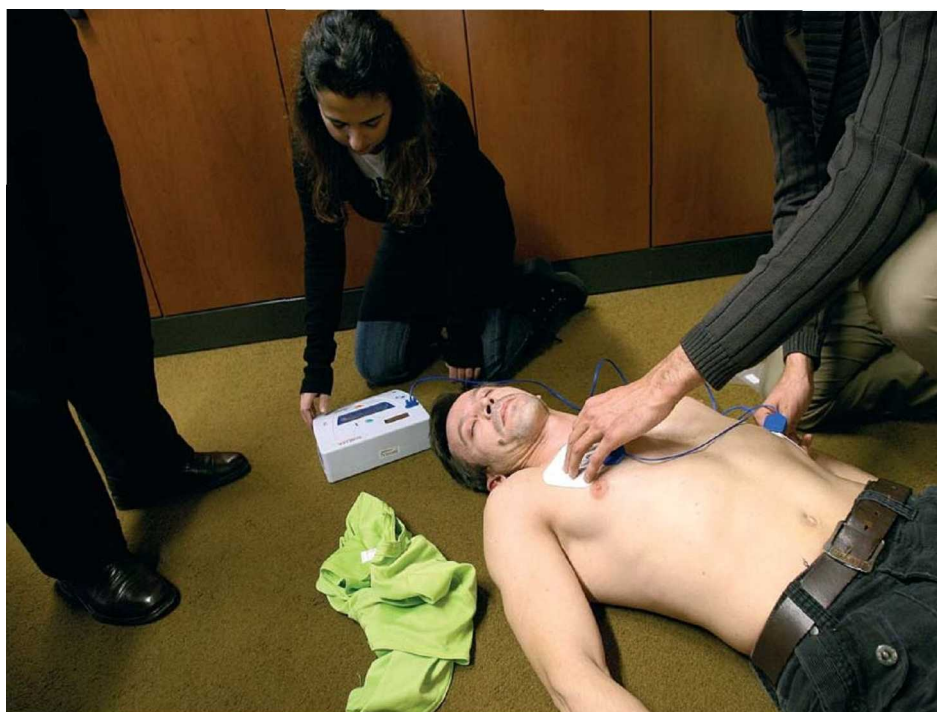
Dez horas de formação



Os cursos de formação para se saber utilizar estes aparelhos duram 10 horas. E podem permitir aumentar as probabilidades de sobrevivência da vítima. Em Seattle, EUA, há aparelhos destes em quase todos os espaços públicos.



Expresso 10-01-2009	Periodicidade:	Semanal	Temática:	Saúde
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	372 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/PB
	Tiragem:	167000	Página (s):	24



Simulação do uso do novo aparelho portátil que pode ajudar a salvar vidas FOTO JORGE SIMÃO